

Capítulo 1

Participação da mulher na atividade produtiva rural

Walter José Rodrigues Matrangolo

As mulheres e os primórdios da cultura

A partir 1992, ano da ECO 92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), com o estabelecimento da Convenção da Diversidade Biológica (CDB ano 1992), foi reconhecido “o papel vital que a mulher desempenha na conservação e uso sustentável da diversidade biológica’ com destaque para ‘a necessidade da plena participação das mulheres, em todos os níveis de decisão política para a conservação da biodiversidade”. Esse reconhecimento, corroborado pelos países-membros da ONU na época, decorre da necessidade de conscientização global acerca das mazelas geradas pela cultura patriarcal, que historicamente buscou minimizar o papel das mulheres na construção dos alicerces da nossa civilização.

Kovaleski et al. (2014) consideram que os(as) pré-historiadores(as) e os(as) especialistas das sociedades primitivas supõem geralmente que as mulheres foram as primeiras botânicas e que é a elas que devemos um dos maiores progressos da humanidade: a invenção da agricultura. Elas aprenderam e reconheceram milhares de plantas em diversos estágios do crescimento, a identificar os lugares onde cresciam, a distinguir as comestíveis, prepará-las para serem ingeridas. Essa hipótese é corroborada pela representação pré-histórica de imagem registrada na Caverna Tassili n'Ajjer - Argélia, África, e publicada por Janick (2007, p. 71), uma das primeiras representações relacionadas à agricultura: mulheres coletando sementes há 6.000 anos, onde se observa a ação coletiva de mulheres em posição de colheita de algum provável cereal ancestral.

Embora não explicitado por Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 33), o papel histórico da mulher está implícito na descrição dos autores sobre nossa evolução como civilização, construída a partir da relação estreita e fundamental das mulheres com a natureza:

[...] De todas as expressões que emanam de uma cultura, os conhecimentos sobre a natureza configuram uma dimensão especialmente notável, uma vez que refletem a sagacidade e a riqueza de observações sobre o entorno realizadas, guardadas, transmitidas e aperfeiçoadas no decorrer de longos períodos de tempo, sem as quais a sobrevivência dos grupos humanos não seria possível. Trata-se dos saberes, transmitidos oralmente de geração para geração, e especialmente dos conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza. Essa dimensão cognitiva tão antiga quanto a própria espécie, permitiu aos seres humanos não só manter uma certa relação de coexistência com a natureza, mas também refiná-la ou aperfeiçoá-la. O produto final desse processo de refinamento ao longo do tempo encontra-se hoje nas mentes e mãos de homens e mulheres que compõem os chamados povos tradicionais, especialmente os povos indígenas.

O salto civilizacional que tornou possível a mudança do nomadismo (associado à coleta, à caça e à pesca) para a agricultura (que por consequência permitiu o surgimento de cidades pré-históricas e de inúmeras novas atividades), deveu-se à engenhosidade de adaptar plantas de interesse alimentício a distintos locais. E essa integração de paisagem e biodiversidade expandiu as fronteiras territoriais da humanidade. Santilli (2009, p. 58) assim descreve nossa caminhada coevolutiva:

[...] A seleção de variedades, por meio de processos de experimentação e inovação conduzidos pelos(as) agricultores(as), assim como o intercâmbio de saberes agrícolas e sementes, são práticas tão antigas quanto a própria agricultura. A enorme diversidade de plantas cultivadas e de ecossistemas agrícolas existentes no mundo deve-se essencialmente a tais práticas locais e tradicionais. O processo de seleção, domesticação de plantas e de animais e desenvolvimento de novas variedades é contínuo, e a agricultura é permanentemente reinventada e redescoberta pelos agricultores, para atender a necessidades sociais, culturais e econômicas dinâmicas.

A mulher, a agricultura contemporânea e os quintais

O número de mulheres dirigindo propriedades rurais no Brasil alcançou quase 1 milhão. A partir do Censo Agropecuário de 2017, o IBGE identificou 947 mil mulheres responsáveis pela gestão de propriedades rurais, de um universo de 5,07 milhões. A maioria está na região Nordeste (57%), seguida pelo Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste, que concentra apenas 6% do

universo de mulheres dirigentes (Embrapa, 2020). Tais dados provavelmente não abarcam a informalidade dos quintais, onde a produção de alimento e de renda indireta, geralmente promovida pelas mulheres, não compõem as bases de dados estatísticos.

As mulheres são o grupo-chave para a promoção da alimentação saudável, pois são elas as responsáveis pela Segurança Alimentar e Nutricional e pelas práticas alimentares da família. É importante que os profissionais responsáveis pela Educação Alimentar e Nutricional ouçam as mulheres sobre seus conhecimentos tradicionais em relação aos seus próprios hábitos alimentares, apoderando-se do significado da alimentação saudável, que, muitas vezes, poderá estar ao redor de sua casa ou dentro de sua comunidade (Rodrigues, 2014). Apesar da invisibilidade, as mulheres foram originalmente produtoras de alimentos em todo o mundo e continuam a ter importância central nos sistemas de produção alimentares (Silva; Ogliari, 2015).

Pedri (2006) destaca a importância da mulher nos sistemas de produção de alimentos desenvolvidos pelas populações indígenas: elas são responsáveis pelo cuidado com as plantas no roçado e ao redor da moradia, pelo preparo de alimentos e pelo cuidado com os filhos, entre outros. Cabe à mulher permanecer na aldeia, enquanto o homem sai para caçar, pescar ou coletar produtos na floresta. As mulheres são responsáveis também pela manutenção das sementes e pela troca de germoplasma, entre uma tribo e outra. Koch-Grünberg (1972 citado por Pedri, 2006), afirma que a atuação delas vai desde a produção de artefatos de valor artístico até a processos que envolvem a organização social, as atividades rituais, as transações e trocas com outros grupos indígenas e não indígenas.

Aguiar (2010 citado por Souza 2015, p. 91), em um trabalho desenvolvido com mulheres agricultoras do Cerrado brasileiro, conclui que:

[...] A estratégia definida pelas mulheres para construção e manutenção dos quintais (hortas) está relacionada com as relações de dádiva, o gosto pessoal envolvendo sentimentos e inspirações, a busca de autossuficiência em alimentos relativos à segurança e à soberania alimentar, à inspiração na natureza e ao estabelecimento de redes de interconhecimento.

A autora ressalta ainda a importante função alimentar da agrobiodiversidade, que está sob responsabilidade das mulheres, que pode proporcionar aos

camponeses uma provisão significativa de carboidratos, proteínas, sais minerais e vitaminas para sua dieta.

Monteiro e Dayrell (2014 citados por Souza, 2015), ressaltam o papel fundamental das mulheres na manutenção da agrobiodiversidade e segurança alimentar das famílias do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais). Para esses autores, as mulheres são as responsáveis pelo cultivo, manejo e armazenamento das espécies alimentares utilizadas pelas famílias, pela coleta de frutos e ervas nativas e pela circulação de materiais genéticos entre famílias e vizinhos.

Canci e Brassiani (2004 citado por Silva e Ogliari, 2015) haviam demonstrado que, além de realizarem diariamente os afazeres domésticos, as mulheres são responsáveis pela conservação de cerca de 70% das espécies cultivadas no município de Anchieta, SC; incluindo milho-pipoca, amendoim, mandioca, batatinha, feijão, batata-doce e praticamente todas as espécies olerícolas. Os homens, por sua vez, são responsáveis pelas espécies comerciais, como o milho comum, que, seguindo a lógica de mercado (geração de renda direta), acabam ocupando a maior parte da força de trabalho familiar e da área de terra das unidades de produção.

Esse cuidado com a reprodução da vida não é obra do acaso ou de algum planejamento da modernidade utilitarista. É uma herança de nossa história evolutiva, inerente ao gênero feminino.

As mulheres e o milho

Linneus denominou o milho como *Zea mays*, do grego “zeia” (grão, cereal), e, em homenagem a um dos principais povos da América, os Maias, que o chamavam de Yuin Kax, “o senhor dos bosques”. Os guaranis chamam esta planta de Auaty, nome de um personagem da lenda que fala da origem do milho. Auaty na língua Guarani quer dizer “sociedade”.

O milho é o cereal que permitiu o desenvolvimento da civilização mesoamericana. Sua manipulação genética e conseqüentemente a adaptação a toda uma variedade de situações ecogeográficas favoreceram a expansão humana pelas diferentes regiões do México e do norte da América Central. Hoje, esse processo é certificado pela existência de cerca de 60 raças ou variedades de milho e centenas, ou talvez milhares, de etnorraças reconhecidas pelo saber local

(Toledo; Barrera-Bassols, 2015, p. 175). É possivelmente verdade que esta agricultura sul-americana tenha se irradiado por um espaço andino significativo quando foi englobada (há aproximadamente 3.500 anos) pela onda de agricultura à base de milho vinda do centro irradiante centro-americano (Mazoyer; Roudart, 2010).

O mito do povo Taurepang contado por Koch-Grünberg (1972 citado por Baldus, 1979), conta, em breve resumo, a origem da farinha de milho. “Então a filha do urubu-rei transformou-se em mulher. Havia muito milho em casa. Ela tirou os grãos das espigas, pisou-os no pilão, colocou-o num pote no fogo e fez todo o trabalho de mulher” (Pedri, 2006).

Os Krahô contam sobre o tempo em que só se alimentavam de pau puba e barro de cupinzeiro. Foi com a visita de Caxêkwj, a Estrela-mulher que veio do céu e se casou com um jovem mēhĩ, que os antigos aprenderam a comer as frutas do Cerrado, como a bacaba e o buriti. Antes de voltar para o céu, Caxêkwj trouxe ainda a mandioca, a batata-doce, a fava, o amendoim, dentre outras plantas cultivadas, ensinando-lhes as técnicas de plantio. Olegário Tejapôc nos conta que seus antepassados se banhavam nas sementes coloridas do milho sem saber que eram comestíveis. Caxêkwj lhes mostrou a grande árvore de milho e ensinou-lhes as técnicas de cultivo e de preparação do paparuto de milho¹. Foi ela quem mostrou que se tratava de “alimento bom”, “comida de gente” (Lima et al., 2020).

Bellon et al. (2000), em observação dos agricultores da região dos Vales Centrais de Oaxaca, no México, afirmam que, enquanto o rendimento de grãos é uma característica de grande importância para homens, o sabor das tortilhas é o mais importante para as mulheres.

Souza (2015) constatou que para as mulheres a parte de maior importância na seleção é a espiga (100,0%), enquanto alguns homens consideram que são importantes a planta e a espiga no momento da seleção. Em sua pesquisa, a autora destacou que a primeira avaliação a ser feita com relação ao beneficiamento das sementes de milho-doce e adocicado é com relação ao gênero do mantenedor. A análise dos dados mostrou que 77,8% das mulheres

¹ Alimento ritual feito à base de massa de milho e atualmente de mandioca, recheado com carne, enrolado em folha de bananeira brava e assado no moquém, forno de pedra onde os alimentos são enterrados.

realizam beneficiamento das sementes, enquanto entre os homens apenas 27,3% afirmaram realizar beneficiamento. Relata ainda que duas agricultoras consideraram importante a cor da palha no momento da seleção, fato relacionado ao uso da palha pelas mulheres para a confecção de artesanato.

No Brasil, o milho-pipoca já era cultivada antes do processo de colonização. Na história do germoplasma de milho do País, Brieger et al. (1958) e, posteriormente, Paterniani e Goodman (1977) relataram que entre as etnias indígenas que habitaram/habitam nossas terras, aparentemente somente os Guaranis cultivavam/cultivam o pipoca (Silva; Ogliari, 2015). Embora não se saiba exatamente como o milho-pipoca era preparado pelos povos indígenas, existem relatos de que a espiga inteira era colocada sobre o fogo. Depois, passaram a colocar só os grãos sobre as brasas até inventarem um método mais sofisticado: cozinhar o milho numa panela de barro com areia quente. Esta última forma de preparo também foi (e continua sendo) muito utilizada nos rituais de candomblé e umbanda (Silva; Ogliari, 2015).

Em obra clássica sobre a sua viagem ao Rio de Janeiro no século XVI, Jean de Léry (1961 citado por Pedri, 2006) registra o plantio de milho-branco e vermelho pelas mulheres indígenas, com o auxílio de um bastão pontudo, que fincavam no chão para abertura de um buraco onde eram enterradas as sementes. De forma análoga, a Figura 1 é descrita por Laws (2013) como sendo de mulheres indígenas da região onde hoje é o estado da Flórida (Estados Unidos), que também faziam uso de um bastão para a semeadura do milho.



Figura 1. Mulheres semeando milho.

Fonte: Laws (2013).

Silva (2021) fez o levantamento das variedades de milho crioulo presentes no alto sertão sergipano e evidenciou-se o protagonismo da mulher agricultora na armazenagem dos grãos e na forma de produção e manejo, além de grande acervo genético, composto por variedades de feijão-de-arranque (*Phaseolus vulgaris* L.), de fava (*Vicia faba* L.) e de feijão-de-corda (*Vigna unguiculata* L. Walp.), mas também por 20 variedades de milho, que foram obtidas por meio de espaços de trocas de sementes, doações e cuidados próprios.

Referências

AGUIAR, M. V. B. Complementariedade de gênero e o papel das mulheres marroquinas para manutenção da agrobiodiversidade em uma porção do cerrado brasileiro. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 209-232.

BALDUS, H. **Ensaio de etnologia brasileira**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979. 214 p. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local--files/biblio:baldus-1979-ensaios/Baldus_1979_EtnologiaBrasileira.pdf. Acesso em: 7 mar. 2023.

BELLON, M. R.; SMALE, M.; AGUIRRE, A.; TABA, S.; ARAGÓN, F.; DÍAZ, J.; CASTRO, H. **Identifying appropriate germplasm for participatory breeding**: an example from the Central Valleys of Oaxaca, Mexico. México, DF: CIMMYT, 2000.

BRIEGER, F. G.; GURGEL, J. T. A.; PATERNIANI, E.; BLUMENCHEIN, A.; ALLEONI, M. R. **Races of maize in Brazil and other Eastern South American countries**. Washington, DC: National Academic of Sciences, 1958.

EMBRAPA. **Mapa, Embrapa e IBGE apresentam os dados sobre mulheres rurais**. Brasília, DF, 2020. Notícias. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/50779965/mapa-embrapa-e-ibge-apresentam-os-dados-sobre-mulheres-rurais>. Acesso em: 20 out. 2022.

JANICK, J. Art as a source of information on horticultural technology. **Acta Horticulturae**, v. 759, p. 69-88, 2007. Edição do Proceedings of the XXVII International Horticultural Congress. DOI: 10.17660/ActaHortic.2007.759.5. Disponível em: https://www.actahort.org/books/759/759_5.htm. Acesso em: 7 mar. 2023.

KOVALESKI, N. V. J.; TORTATO, C. S. B.; CARVALHO, M. G. de. As relações de gênero na história das ciências: a participação feminina no progresso científico e tecnológico. **Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 9-26, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/5047>. Acesso em: 6 mar. 2023.

LAWS, B. **50 plantas que mudaram o rumo da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

LIMA, A. G. M. de; KRAHÔ, C. P.; ALDÉ, V. As festas do milho krahô: cantando sementes e semeando cantos. **Anuário Antropológico**, v. 45, n. 3, p. 106-126, 2020.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **Histórias das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2010.

NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a Diversidade Biológica**. Nova York, 1992.

PATERNIANI, E.; GOODMAN, M. M. **Races of maize in Brazil and adjacent areas**. México, DF: CIMMYT, 1977. 95 p.

PEDRI, M. A. **A dinâmica do milho (*Zea mays* L.) nos agroecossistemas indígenas** 2006. 86 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88988>. Acesso em: 7 mar. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88988>. Acesso em: 7 mar. 2023.

RODRIGUES, L. P. F. Segurança alimentar e nutricional - agroecologia: o papel chave das mulheres. In: NEDER, R. T.; COSTA, F. M. P. (ed.). **Ciência, tecnologia, sociedade (CTS) para a construção da agroecologia**. Brasília, DF: Nepeas, 2014. p. 241-253.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SILVA, G. V. de O. **Levantamento de espécies crioulas e caracterização de variedades de milho crioulo (*Zea mays* L.) no Alto Sertão**. 2021. 47 f. Monografia (Graduação em Engenharia Agrônoma) - Universidade Federal de Sergipe, Nossa Senhora da Glória. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14891>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SILVA, N. C. de A.; OGLIARI, J. B. Milho pipoca: mulheres agricultoras conectando o passado e o presente no Extremo Oeste de Santa Catarina. **Agriculturas**, v. 12, n. 4, p. 31-36, 2015. Disponível em: <http://aspta.org.br/article/milho-pipoca-mulheres-agricultoras-conectando-o-passado-e-o-presente-no-extremo-oeste-de-santa-catarina/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SOUZA, R. de. **Diversidade de variedades crioulas de milho doce e adocicado conservadas por agricultores do oeste de Santa Catarina**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135998>. Acesso em: 14 abr. 2023.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.